

GEOFILOSOFAR: REFLEXÕES A PARTIR DA GEOFILOSOFIA DE DELEUZE E GUATTARI¹

GEOPHILOSOPHIZING: REFLECTIONS BASED ON DELEUZE AND GUATTARI'S GEOPHILOSOPHY

Paulo Irineu Barreto Fernandes

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v4i1.182>

RESUMO: Este artigo tem como principal objetivo propor algumas reflexões a partir do conceito “Geofilosofia”, apresentado por Deleuze e Guattari no livro *O que é a filosofia? (Qu’est-ce que la philosophie?)*. A pertinência do conceito introduzido pelos autores franceses provocou um grande interesse em muitos intelectuais, possibilitando desdobramentos que nos permitem afirmar que já estamos lidando com distintas geofilosofias e não somente com uma. Como desdobramento, o artigo pretende demonstrar a existência de princípios geofilosóficos em autores cujas principais preocupações estão centradas na crítica ao pensamento hegemônico e colonial, de matriz ocidental, ainda que esses autores não usem, especificamente, o termo “geofilosofia” em seus escritos. Entre esses autores, destacamos: Carolina Maria de Jesus, Milton Santos, Miroslav Milovic, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Geofilosofia. Geofilosofar. Gilles Deleuze. Félix Guattari. Miroslav Milovic.

RESUMO: This article aims to propose some reflections based on the concept of “Geophilosophy” presented by Deleuze and Guattari in their book *What is Philosophy? (Qu’est-ce que la philosophie?)*. The relevance of the concept introduced by the French authors has sparked great interest among many intellectuals, leading to developments that allow us to affirm that we are already dealing with distinct geophilosophies, and not just one. As a further development, the article intends to demonstrate the existence of geophilosophical principles in authors whose main concerns are centered on the critique of hegemonic and colonial thought of western origin, even if these authors do not specifically use the term “geophilosophy” in their



1 Este artigo é uma versão condensada e atualizada da apresentação feita pelo autor no V Colóquio Internacional Miroslav Milovic: Utopias, Heterotopias e Afetos, Recife, Pernambuco, Novembro de 2025. Evento organizado pelo Instituto Miroslav Milovic.

writings. Among these authors, we highlight: Carolina Maria de Jesus, Milton Santos, Miroslav Milovic, among others.

KEYWORDS: Geofilosofia. Geofilosofar. Gilles Deleuze. Félix Guattari. Miroslav Milovic

Introdução

Começo a minha apresentação com um relato que ilustra bem as razões que me levaram a buscar leituras de filósofos e filósofas fora do eixo tradicional, que é a matriz grega clássica e os pensadores europeus e do hemisfério norte, principalmente. Há cerca de quinze anos, eu trabalhava como professor de filosofia em escolas particulares na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, antes do meu ingresso, na condição de professor EBTTE efetivo, no Instituto Federal do Triângulo Mineiro, em janeiro de 2010.

Em uma ocasião, após uma aula sobre o filósofo alemão Georg Hegel, uma estudante, intercambista alemã, veio até mim e disse, em inglês: “_Professor, eu já estudei Hegel e gostaria de saber quando iremos estudar os filósofos brasileiros, pois estou aqui para aprender sobre a história e a cultura do Brasil”. Bom, o seu questionamento me pegou de surpresa. Disse a ela que eu também não havia estudado pensadores brasileiros durante a minha graduação em filosofia, a qual eu havia concluído três anos antes da nossa conversa. De fato, os programas dos cursos de filosofia, até então, estavam restritos a uma matriz do Hemisfério Norte: filósofos europeus, dos antigos aos contemporâneos, e algum contato com filósofos estadunidenses. Nada mais do que isso, em meados dos anos 1990.

Como consequência dessa nossa breve conversa e de outras que se seguiram, também com outros estudantes, foi criado um grupo de estudos com foco nas filosofias não convencionais ou não clássicas. Além disso, eu passei a incluir em meus estudos e aulas referências de autores e autoras fora dos eixos “consagrados” pela Academia. Confesso que, a princípio, isso me causou alguns incômodos e dissabores, sobretudo por parte de colegas, da filosofia, que consideraram que eu poderia estar “fugindo do rigor acadêmico”. Entre os autores e autoras que passei a estudar, incluo, a princípio, Tobias Barreto, Milton Santos, Carolina Maria de Jesus. Além disso, alguns anos depois, eu passei a me dedicar aos estudos decoloniais e à geofilosofia, sendo esse o conceito e tema ao qual tenho me dedicado com mais afinco, o que me levou à leitura de autores como Deleuze,

Guattari, Henri Lefebvre, Caterina Resta, Franz Fanon, Ailton Krenak, dentre outros. O passo seguinte foi o interesse pela filosofia da diferença e o encontro com Miroslav Milovic.

Encontro com Deleuze e com a geofilosofia

No texto “Um novo século deleuziano”², Miroslav Milovic escreve: “Uma vez Michel Foucault articulou a esperança de que o século 20 seria chamado o século deleuziano, mas isso não aconteceu. Nós ainda temos a esperança de que o século que vem tenha essa possibilidade” (Milovic, 2024, p. 1).

Essa referência de Foucault a Deleuze, à qual Milovic faz alusão, é importante e nós estamos em um evento que homenageia o filósofo parisiense. E há um momento em que Deleuze, sabendo dessa boa provocação de Foucault, responde de uma maneira bem socrática, dizendo que a origem da afirmação de Foucault é que esse sabe que ele, Deleuze, é um ingênuo, mas no melhor sentido da palavra:

Não sei o que Foucault queria dizer, nunca lhe perguntei. Foucault tinha um humor diabólico. Talvez quisesse dizer isto: que eu era o mais ingênuo dos filósofos da nossa geração. Em todos nós se encontram temas como a multiplicidade, a diferença, a repetição. Mas eu proponho conceitos quase em bruto, ao passo que os outros trabalham mais com mediações. A superação da metafísica ou a morte da filosofia nunca me disseram respeito, e da renúncia ao Todo, ao Uno, ao sujeito, nunca fiz disso um drama. Não rompi com uma espécie de empirismo, que procede a uma exposição direta dos conceitos. Não passei pela estrutura, nem pela linguística ou a psicanálise, pela ciência ou mesmo pela história, porque penso que a filosofia tem o seu material bruto que lhe permite entrar em relações, exteriores, mais necessárias ainda, com outras disciplinas. É talvez isto que Foucault queria dizer: eu não era o melhor, mas o mais ingênuo, uma espécie de arte bruta, se se pode dizer; não o mais profundo, mas o mais inocente (desprovido da culpabilidade de ‘fazer filosofia’). (Deleuze, 1996, p. 8).

Nesse sentido, Deleuze seria aquele bom ingênuo, entendido como o que ainda acredita na Filosofia por ela própria, por isso pergunta o que ela é, por exemplo. Acredito que, em maior medida, essa (boa) ingenuidade de Deleuze esteja expressa na sua compreensão sobre a geofilosofia e na possibilidade de um Devir Terra.

2 Texto publicado no jornal Correio Braziliense no ano 2000.

Geofilosofia é um conceito atribuído a Deleuze e Guattari, que aparece em “O que é a Filosofia?”, de 1991, embora já estivesse esboçado em livros anteriores dos autores. Talvez eu fique um pouco repetitivo, e peço desculpas ao público por isso, mas sempre tenho o cuidado de apresentar o conceito “geofilosofia” introdutoriamente, pelo fato de que ele não é ainda um conceito plenamente desenvolvido e conhecido, mesmo no meio acadêmico. De forma bem sintetizada, podemos dizer que pensar de forma geofilosófica é valorizar e chamar a atenção para o aspecto imanente do pensamento e para a sua relação com as categorias geográficas. Ou seja, a geofilosofia se ocupa com a dívida que o pensamento, ou a filosofia, tem para com as categorias geográficas, tais como: lugar, território, paisagem, dentre outras. Qual o pensamento que surge a partir de relações imanentes? A filosofia, nesse sentido, é também uma geofilosofia. Para Deleuze e Guattari, até mesmo Immanuel Kant, quando elabora a sua revolução copernicana na filosofia, o faz a partir de uma perspectiva, se não geográfica, pelo menos espacial ou cosmológica e imanente.

E até aqui ainda estou no terreno deleuziano dessa interpretação. A partir de certo ponto, passarei a falar tomando como referência a interpretação que estou acrescentando a essa percepção, pela qual sou, portanto, responsável. No devido momento, farei aqui essa distinção ou ressalva.

Para Deleuze e Guattari, os pré-socráticos foram os responsáveis por uma mudança fundamental na maneira como se dá a relação com o pensamento, pois foram os responsáveis por uma mudança, ou reterritorialização, do próprio pensamento, que passou a se manifestar não mais através da imagem, mas sim a partir do conceito. Do ponto de vista histórico-conceitual, o que os pré-socráticos fizeram foi territorializar o pensamento no conceito, que eles próprios introduziram. Antes, e me refiro agora ao próprio contexto grego antigo, anterior ao pensamento filosófico, através das obras de Homero ou Hesíodo, por exemplo, o que havia era uma relação vertical, na qual o poeta, ou alguém inspirado pelas Musas, revelava a “verdade”, por intermédio de imagens e símbolos. Nesse caso, a relação se dá por hierarquia e não por reciprocidade. Quando os pré-socráticos passam a perguntar por um princípio constitutivo das coisas ou da natureza (a arché), eles tiram o pensamento do território “imagem”. Eles operam, portanto, uma desterritorialização do pensamento, retirando-o da imagem, para reterritorializá-lo no conceito.

A partir de então, isso cria o Ocidente e também os seus problemas. Está aberto o caminho para Sócrates, Platão, Aristóteles e toda a filosofia ocidental que se seguirá, não sem problemas. Não é por acaso que o pensamento socrático se torna o alvo preferido de um pensador como Nietzsche, mais de vinte séculos depois. Para Nietzsche, Sócrates, ao privilegiar o racional em detrimento das paixões, retira também do humano algo que nos completa: o dionisíaco.

Refazendo esse percurso, partimos do pensamento territorializado na imagem, compreensão própria do período pré-socrático, no que se refere à tradição ocidental. Nesse caso, temos uma relação hierarquizada, vertical. O conceito quando surge, por sua vez, apresenta uma relação horizontal e, por isso, é geofilosófico, pois chama a atenção para a imanência do pensamento. O ocidente surge, portanto, no “momento” em que o pensamento é desterritorializado da imagem e reterritorializado no conceito. Deleuze e Guattari utilizam o termo “vizinhança”. Para eles, o conceito se situa na vizinhança e isso traz tanto conquistas, quanto problemas, no sentido em que se perde a referência de uma verdade absoluta, na medida em que se valoriza o argumento, o diálogo e a demonstração, que não são necessários no domínio de uma relação hierarquizada. E precisamos também refletir se isso é realmente uma perda. Isso pode depender de uma série de fatores e também de qual é a perspectiva.

Fazendo um breve parêntese, podemos afirmar que no período medieval, nos países europeus dominados pela fé cristã, essa era a grande ameaça que a filosofia não cristã e a ciência representavam: apresentar respostas que pudessem ser divergentes dos dogmas estabelecidos pela cristandade. Enquanto esses últimos partem de uma compreensão hierarquizada, portanto vertical, os primeiros tomam como referência a vizinhança e a horizontalidade. E, para apresentar alguma atualidade ao texto, podemos afirmar que esse embate retorna, nos dias atuais, na forma de todo esse anticientificismo que se verifica nos embates ideológicos: terraplanismo, combate às vacinas, negacionismo; quando as crenças – novos dogmas – são alçadas a um patamar que busca sobrepor o pensamento científico e lógico.

Nesse ponto, faço a leitura de uma afirmação de Deleuze e Guattari (1992, p. 126): “Se a filosofia aparece na Grécia, é em função de uma contingência mais do que de uma necessidade”. Assim, mais uma vez, os dois autores estão estabelecendo uma relação entre o pensar e as categorias geográficas, tais como: espaço, paisagem, lugar, território, dentre outras.

Essa relação está presente no conceito “geofilosofia”, introduzido por ambos.

No entanto, estamos vivendo um momento em que essa hegemonia grega, ocidental e centrada no pensamento do hemisfério norte, começa a ser colocada em xeque também no âmbito da filosofia. Seria a filosofia de matriz grega realmente a filosofia? Ou apenas uma filosofia?

O geofilosofar e o devir terra

A partir deste ponto, passo a apresentar um conceito introduzido, por mim, em minha tese de doutoramento, defendida em 2023, no Programa de Pós-graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da Profa. Dra. Georgia Cristina Amitrano. Trata-se do conceito “geofilosofar”. O conceito pode parecer, a princípio, óbvio; mas requer reflexão. Quando Deleuze e Guattari nos apresentam a geofilosofia, o fazem na perspectiva de uma compreensão também filosófica: “A filosofia é uma geo-filosofia³, exatamente como a história é uma geo-história...” (1992, p. 124). E, se quem faz filosofia está a filosofar, quem quer buscar uma geofilosofia, está a geofilosofar: um pensar sobre a Terra.

Embora não caibam dúvidas a respeito de terem sido Deleuze e Guattari os proponentes do conceito “geofilosofia”, na minha pesquisa eu retrocedo um pouco, buscando elementos que poderíamos chamar de pré-geofilosóficos no pensamento anterior. Começo com Giordano Bruno, ainda no domínio eurocêntrico, mas já em contraposição ao mesmo, que fez a seguinte afirmação:

A Terra e outros astros se movem de acordo com espaços diferentes em virtude de um princípio intrínseco, que é sua própria alma. Vocês acham, pergunta Nundínio, que esta alma seja sensitiva? Não só sensitiva, disse o Nolano, mas também intelectiva. Não só intelectiva como a nossa, mas talvez ainda mais. A essas alturas, Nundínio se calou e não mais riu. Prudência: Parece-me que a Terra, sendo animada, deve não gostar quando fazem nela grutas e cavernas, como, para nós,

3 O fato de o termo “geo-filosofia” aparecer separado com hífen, o que acontece também no texto original em francês, poderia sugerir uma escolha pela grafia do termo. No entanto, quando fazem referência ao termo tanto no índice, quanto no título do capítulo, Deleuze e Guattari optam por “geofilosofia”, o que nos permite concluir que essa deva ser a grafia correta do conceito, e a separação, nesse caso, pode servir como um recurso didático e como uma ênfase linguística.

causa dor e desprazer quando se planta em nosso corpo um dente ou se perfura nossa carne. (Bruno, 2009, p. 81).

A afirmação de Bruno nos mostra uma Terra que se comporta como um organismo capaz de sentir, sendo, portanto, uma afirmação geofilosófica. No entanto, por uma questão de concisão e em virtude do tempo disponível, não irei desenvolver aqui essa tese. Passo, então, a falar sobre pensadores contemporâneos, fora do eixo hegemônico, nos quais percebo preocupações geofilosóficas, embora não tenham usado o termo em seus escritos.

Cito, primeiramente, Milton Santos, para o qual devemos considerar a existência de três mundos em um só: “O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: outra globalização” (Santos, 2009, p. 18). Em outras palavras, as três faces da globalização: (1) o mundo como um conto de fadas, no qual as pessoas gostariam de acreditar, tratando a globalização como um mundo de ilusão, a exemplo da ideia de ‘aldeia global’; (2) o mundo como perversidade, pois para a maioria da população mundial, a globalização impõe-se como fome, falta de um lar permanente e nos processos de migração, dentre variadas razões, tais como políticas, econômicas, religiosas, dos quais surgem as questões, como <<uma ...guerras civis e (3) o mundo possível, que pode ser construído através de uma globalização mais humana, para a qual o que hoje se apresenta como um problema, a diversidade de povos, culturas, gostos, etnias, poderá, no futuro, apresentar-se como o elemento mais poderoso de um novo mundo. Essa última face poderia constituir um “Devir Terra”, no sentido em que Deleuze e Guattari utilizam esse termo, no contexto da geofilosofia: “A desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 115) e “A europeização não constitui um devir, constitui somente a história do capitalismo que impede o devir dos povos sujeitados” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 140).

Cito, agora, Carolina Maria de Jesus, que se viu territorializada de três maneiras diferentes: na condição de mulher, em uma sociedade misógina; na condição de mulher negra, em um país com histórico de escravização dos povos oriundos do continente africano e na condição de mulher negra pobre, em uma sociedade desigual, sob o ponto de vista sócio-econômico. E Carolina sob subverter esses “territórios” nos quais estava encerrada, desterritorializando-se e reterritorializando-se, em

seguida, em novos territórios, de forma ousada e corajosa. Quem melhor do que ela para ser lida por crianças e jovens nas escolas do Brasil? Muitos dos quais inseridos em uma realidade semelhante à dela, de exclusão. Isso é profundamente geofilosófico, assim como também a sua trajetória pode ser entendida em uma perspectiva geofilosófica.

Em “Quarto de despejo”, observa-se um raro caso no qual o conteúdo é colocado em uma condição de maior relevância do que a forma, sem que isso constitua um equívoco linguístico ou falta de coesão gramatical. O texto é publicado sem correções, tal como escrito. Não pretendemos analisar essa questão sob o ponto de vista das ciências da linguagem, tampouco no que tange às normas editoriais, uma vez que existem pessoas muito mais credenciadas para essa tarefa. Mas procuraremos enfrentar a questão a partir do olhar da geofilosofia, no que se refere à movimentação (desterritorialização e reterritorialização) do conceito, em uma perspectiva próxima daquela apresentada por Deleuze e Guattari, no capítulo Geofilosofia, do livro *O que é a filosofia?* (1991).

Sustento a tese de que, geofilosoficamente, seria um erro se o texto fosse corrigido, adequando-o à língua formal, ainda que a correção estivesse amparada em regras literárias e gramaticais, pois a geofilosofia aparece quando, ao se preservar a escrita original, preserva-se também a dignidade da autora, em seu território. Indigno seria corrigi-la. Em outras palavras, mantém-se a correspondência entre aquele que escreve e o território em que o texto é escrito⁴, que não é “apenas” a favela, mas, também, a condição de existência da autora da e na favela, que é o “quarto de despejo” da sociedade, segundo Carolina.

Carolina não é uma pessoa que, querendo escrever, sai em busca de algo que possa transformar em palavras escritas, mas sim alguém que tendo algo a ser escrito, precisa e quer escrever. É uma pessoa – autora – que, para escrever, superou situações adversas, rompendo com a imposição colonialista. Do ponto de vista geofilosófico, temos um exemplo de uma autora que não se adequou à forma e às exigências coloniais, mas fez com que essas a ela se adequassem.

Observemos a citação a seguir:

... Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria

4 Evito o uso da expressão “lugar de fala” não porque seja inadequada, mas porque o seu emprego demandaria reflexões que estão fora do escopo deste artigo. (nota do autor).

revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores. (Jesus, 1960, p. 39).

A forma decolonial não desterritorializa Carolina; é Carolina quem a desterritorializa para, em seguida, reterritorializá-la, na favela. Carolina Maria e a favela estão em *Quarto de despejo* de duas maneiras: no conteúdo e na forma. O Quarto de despejo (livro) subverte o quarto de despejo (de fato) e quem é despejado (desterritorializado) é o colonial, o hegemônico, o masculino: “Na perspectiva da geofilosofia, o ponto de partida de Carolina é o sofrimento, a defesa diária da vida de uma, então, favelada, que busca superar sua situação através da escrita” (Fernandes, 2022, p. 237).

Miroslav Milovic, por sua vez, traz à tona uma relação possível entre a filosofia da diferença e a hospitalidade, na qual ousamos afirmar a presença de elementos geofilosóficos que poderiam conduzir a uma “geofilosofia da alteridade”, a qual poderia propor uma discussão crítica a respeito da noção de “outro” ou de “estrangeiro”, partindo do princípio de que a Terra é – dever ser – a casa de todos, tal como escreveu Milovic, a respeito de Lévinas e da necessidade de uma perspectiva que favoreça os desprovidos:

... parece que toda a história da filosofia comete uma injustiça profunda, tematizando várias formas do Mesmo e esquecendo o Outro. Como tematizar o Outro? Podemos imaginar a relação de simetria entre Mesmo e Outro, mas neste caso a dúvida é saber se assim se afirma a posição autêntica dos outros. Outra alternativa seria a posição assimétrica em favor do Mesmo, o que a filosofia representa até hoje. A terceira alternativa seria a assimetria em favor do Outro. Essa é a perspectiva de Lévinas. (Milovic, 2004, p. 117, 118).

Desta forma, ao proporem o conceito “geofilosofia”, Deleuze e Guattari colocaram em movimento – devir – um enorme “leque” de possibilidades que permitem uma leitura imanente, espacial e horizontal do pensamento, centrada na vizinhança e na reciprocidade. Ao propormos o termo “geofilosofar”, chamamos a atenção não apenas para a reflexão, mas também para o ato. Se os/as filósofo/as filosofam; então deverá também haver o geofilosofar e quem o faz é o/a geofilósofo/a!

Considerações finais

Enfim, resta afirmar que o geofilosofar é o constante pensar sobre a Terra e a nossa relação com ela, com o habitar, com o existir, entendendo

que ela é o – único – lar de todos nós. Geofilosofar é uma atitude política e é uma forma de antropofagia que busca superar o que é hegemônico, o que é masculino, no sentido agressivo do termo, que é misógino. É superar essa tradição européia, que é importante, mas que precisa também perder espaço para outros devires, pois foi sempre ela que nos interpretou, que nos definiu. Daí a importância de produzirmos espaços de reflexão sobre autores como Milton Santos, Carolina Maria de Jesus, Ailton Krenak, dentre outros. Assim, encerro com uma breve citação de Miroslav, na qual ele discorre sobre Deleuze, sobre a globalização e a sobre a sua esperança em um futuro (devir) para o Brasil, em uma perspectiva abrangente e, eu acrescentaria, também geofilosófica... Tudo em um só parágrafo:

Neste século de tanta negação da vida, Deleuze foi a afirmação, pois nos oferecia a esperança de pensar as alternativas. É também um grande recado para o Brasil. Os novos lugares do pensamento são as zonas tropicais e não as zonas temperadas, vai dizer Deleuze no livro sobre Nietzsche. Talvez, nessas zonas tropicais, brasileiras, tenham que ser procuradas as alternativas do mundo. O futuro do Brasil não é seguir os caminhos estabelecidos e metafísicos da globalização. Isso seria muito estranho – um país tão grande fica como uma pequena nota de rodapé na história. Futuro existe só se algo novo se abre, se se afirma a diferença se se afirma a vida. Só assim, o futuro do Brasil pode ser neste caminho deleuziano que Foucault tanto esperava. (Milovic, 2024, p. 2).

Que nós possamos, inspirados nesta citação, colaborar para que se concretize, de fato, o “Devir Brasil”.

Enfim, a maneira afetuosa como nós fomos recebidos em Recife, e no V Colóquio Internacional Miroslav Milovic, demonstra que estamos diante de pessoas que tratam a hospitalidade e a reciprocidade como objetos de pesquisa acadêmica e também como prática diária.

Por isso, encerro a minha apresentação com um agradecimento à maravilhosa acolhida oferecida a mim e à minha família, durante a participação neste evento e em toda a nossa estadia nesta histórica cidade de Recife, Pernambuco. Um fato ocorrido durante a nossa estadia, novembro de 2025, demonstra bem esta conexão. Em um final de tarde, fizemos uma caminhada espontânea pelas ruas e cenários em que foram rodadas cenas, na capital pernambucana, do filme “O Agente Secreto”, que concorreu a quatro categorias no Oscar 2026, ao qual nós havíamos assistido dias antes, em Uberlândia, Minas Gerais. Até aquele momento, o filme ainda não havia sido exibido em Recife, embora a cidade seja o cenário de grande parte do enredo. Na caminhada, passamos por locais

como: o icônico Cinema São Luiz, a Praça Treze de Maio, a área urbana no entorno do Rio Capibaribe, dentre outros. Há alguns dias, nossa amiga recifense, que havia nos ciceroneado no passeio pelo cenário do filme, ao qual ela assistiu somente depois da nossa visita, nos informou que, após a exibição do filme em Recife, foi criado um roteiro turístico que passa por muitos dos pontos que nós visitamos naquele final de tarde. Ou seja, não é exagero dizer que estamos entre as primeiras pessoas a fazerem esse roteiro, que um dia poderá ser histórico e tradicional.

Muito obrigado!

Referências

- BRUNO, Giordano. *O Banquete de Quarta-feira de Cinzas*. São Paulo: Editora Ícone, 2009, p. 81.
- DELEUZE, Gilles. *O Mistério de Ariana*. Lisboa: Editora Vega, 1996.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O Que é a Filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que la philosophie?* Paris: Les Éditions de Minuit (édition électronique), 1991.
- FERNANDES, Paulo Irineu Barreto. *Por uma Terra de (e para) todos: Introdução ao Geofilosofar*. 2023. 201f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- FERNANDES, Paulo Irineu Barreto. Ser mulher não é não ser homem: um estudo geofilosófico sobre a decolonização da pessoa feminina. In: AMITRANO, Georgia; FREITAS, Luciano e Carmo, Natália Amorim do. *Entre apagamentos, rastros e pegadas: mulheres que existem*. Rio de Janeiro, Ape'Ku, 2022, pp. 225-243.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10ª edição. São Paulo: Ática, 2019.
- MILOVIC, Miroslav. *Comunidade da Diferença*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.
- MILOVIC, Miroslav. Um Novo Século Deleuziano. In: *Cadernos Miroslav Milovic*; Porto de Galinhas, v. 2, n. 1, jan./jul. 2024, p. 1-2.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2009.